

Sérgio Luís de Carvalho

# **Dicionário de Insultos**

Nova edição revista, aumentada  
e comentada

## Prefácio à nova edição revista, aumentada e comentada do *Dicionário de Insultos*

Dizia Lorde Chesterfield (1694-1773) que «mais depressa se esquece uma injúria que um insulto». Levando em conta que este nobre inglês foi político, governante e diplomata, deveria saber do que falava, que pouca gente suporta mais injúrias e insultos que os estadistas.

De facto, os insultos não se esquecem. A prova disso é que aqui estamos de novo, cinco anos após a primeira edição do *Dicionário de Insultos*. Cinco anos se passaram já, é verdade. Cinco anos em que, se alguma coisa mudou na conjuntura de Portugal, não se alterou a necessidade de continuarmos a apoucar e desconsiderar o próximo. Estou, aliás, crente de que, por muitas conjunturas que aí venham, por muitas alterações que sucedam ou por muitas mudanças que ocorram, nunca o espírito humano deixará de clamar por mais e mais insultos.

Esta nova edição do *Dicionário de Insultos* tem duas características inéditas que a enobrecem. É certo que usar os termos *enobrecer* e *insultar* na mesma frase parece estranho. Mas como se verá ao ler esta obra, há insultos que enobrecem e nobres que se deve insultar. Ora como dizia, há duas características nesta edição que são de realçar:

1. Tem novos insultos. Isto é, surgem aqui explicados insultos novos, cuja origem só recentemente discerni, sendo disso exemplo o famoso *filho da mãe* (sim, andei anos atrás da sua origem);

2. Está comentado. E esta é uma diferença de peso, já que esta nova edição está comentada por um mestre do humor e da comunicação, sendo ainda um comentarista de mão-cheia. É verdade, estamos a falar de Fernando Alvim, cujos textos tanto enriquecem esta nova edição. Bem hajas, Fernando!

Aqui fica, pois, esta nova edição do *Dicionário de Insultos*. Leiam-no com o mesmo prazer que eu tive a escrevê-lo, que o Fernando teve a comentá-lo e que os excelentes profissionais da Planeta tiveram a (re)editá-lo. Saboreiem-no, que eu não sei bem onde estarei daqui a cinco anos.

## Introdução

Insultar é uma arte. Ou, por outras palavras, insultar bem é uma arte. Deixem-me dar três exemplos que o demonstram.

Primeiro exemplo. Depois de escutar uma peça de Berlioz, Rossini terá comentado um dia:

– Esse moço, Berlioz... Ainda bem que não faz música, senão fá-la-ia da pior qualidade.

Segundo exemplo. Um dia na década de 60, o deputado brasileiro Carlos Lacerda acabara de discursar no parlamento. Logo um outro deputado, seu opositor, terá comentado:

– Excelência, todo o seu discurso foi inútil. Entrou-me por um ouvido e saiu pelo outro.

Lacerda retorquiu:

– Impossível, caro colega. O som não se propaga no vácuo.

Terceiro exemplo. Lady Astor, a primeira inglesa a ser eleita para o Parlamento, disse um dia a Winston Churchill:

– Se você fosse meu marido, dar-lhe-ia veneno...

Ao que Churchill respondeu:

– Se você fosse minha mulher, bebê-lo-ia...

Claro que, a bem dizer, estes ditos não serão propriamente insultos; são mais pérolas de retórica. Mas que são magníficos, disso ninguém duvida; e que achincalham quem os recebeu, também me parece

evidente. Mas não é essa a função de um insulto? E note-se que um (bom) insulto nem sequer tem de ser dirigido a alguém em especial (seja Berlioz ou Churchill) para ser um mimo. O mais belo insulto que já ouvi foi dirigido pelo humorista brasileiro Juca Chaves à humanidade em geral (ou, pelo menos, a alguns humanos): «Se o reino dos céus é dos pobres de espírito, então, meu Deus, estamos no paraíso.»

Na verdade este livro não se ocupa deste tipo de insultos frásicos – finos, verrinosos, contundentes, desarmantes e capazes de causar inveja a quem os ouve (que não à vítima, claro). Se iniciámos esta introdução citando-os, foi apenas porque quisemos cativar a atenção do leitor desde logo. Este livro limita-se a descrever a origem e a história de cerca de 500 insultos que todos nós conhecemos, melhor ou pior. Alguns, já os proferimos, em voz alta ou à sorrelfa; de outros já fomos alvo. Alguns, de tão elaborados, nem dão jeito proferir. Se o leitor não acredita, experimente chamar *iconoclasta* ou *sevandija* a alguém. Pegam mal, não é? Resultam com o capitão Haddock e só no papel... Outros são comuns, brejeiros, reles mesmo. Perdem em elegância o que ganham em javardice. O facto de resultarem diz bem da decadência a que chegou a nobre e vetusta arte de achincalhar o próximo. São insultos que estão ao nível daquele provérbio árabe que afirma que «até os coelhos são capazes de insultar um leão morto».

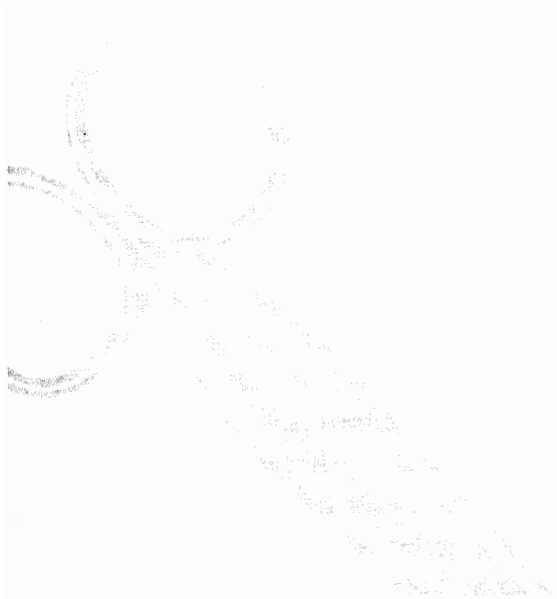
E se o leitor quiser ter um relance de como o insulto pode ser uma arte, tomo a liberdade de sugerir que passe os olhos pela longa fala de *Cyrano de Bergerac*, na cena 5 do primeiro ato da peça homónima. Nessa cena, e após um visconde ter insultado o seu nariz dizendo que ele era *demasiado grande*, Cyrano lança-se num longo solilóquio sugerindo variadas formas mais imaginativas e requintadas que o fidalgoote poderia usar para insultar o apêndice nasal. Um tratado...

Aqui falamos de todos eles. Ou enfim, se não de todos, pelo menos de muitos, dos mais acutilantes aos mais arredondados. E também explicamos a origem de algumas expressões que, aplicadas a alguém, são injuriosas; afinal dizer de outrem que *anda à gandaia* ou que *está com a careca à mostra* em nada abona a seu favor.

O que é, enfim, um insulto? O seu próprio étimo responde à questão. A origem da palavra *insulto* e da palavra *assalto* é similar: *insultare*, em latim, significa literalmente *saltar para cima*. Daqui vem o *assaltar* e o *insultar*. Nas línguas latinas e no inglês, os dois verbos são parecidos (*assaltar/insultar, to assault/to insult*). É até curioso notar que, no inglês medieval, o termo *to insult* significava literalmente *assaltar, atacar ou assediar militarmente*. . . Assim sendo, podemos dizer que um *insulto* é um dito ofensivo, indecente ou grosseiro dirigido contra alguém; um *insulto* é um *assalto* feito à honra, à fama e à dignidade de alguém.

Já agora é bom que se não confunda *insulto* com *injúria*, já que na sua origem eram coisas diferentes. A *injúria* era, entre os romanos, uma *violação do Direito (jus)* praticado sobre alguém, isto é, era uma intrínseca *injustiça*. Um *injuriado* era um *injustiçado* e não um *insultado*. Só na Europa a partir do século XII é que o termo *injúria* se aproxima do *insulto*, se bem que mesmo hoje não sejam exatamente sinónimos. Já o *insulto* era, como vimos, um *assalto*. Que esse assalto seja desferido com luva de pelica ou com luva de boxe é irrelevante; só muda o estilo. Dir-se-á, claro, que o estilo muda muita coisa. É verdade. Napoleão dizia que Talleyrand, seu ministro, «era uma bosta dentro de uma luva de seda». Aqui temos um insulto que tem estilo e boa forma. Ora como dizia Jean Renoir, cineasta francês de bom nome e justa fama: «A arte é a forma e nada mais que a forma.» Por mim, concordo.

Por essas e por outras é que penso que insultar bem é uma arte. E como agora regresso ao ponto de partida, já o sagaz leitor terá compreendido que aqui termino esta introdução e que é chegada a altura de começar a percorrer a longa história dos insultos portugueses.



# a

Começemos pela **abantesma**, ou, como vulgarmente se diz numa daquelas tão comuns corruptelas populares, a **aventesma**, criatura que com frequência nos rodeia, sobretudo no local de trabalho, e que se caracteriza por não fazer nada mas por atrapalhar muito (definição livre). De acordo com os etimologistas, o termo *aventesma/abantesma* tem a sua origem no grego *phántasma* e que significa *espectro* ou *entidade imaginária*. Claro que, como o leitor já reparou, o étimo grego está também na origem do *fantasma*. A *aventesma* de todos os dias é, na sua origem, um ser spectral (mas materialmente chato), e quem os conhece, concordará, decerto. E os pescadores poveiros decerto concordariam com tal asserção, já que na mitologia dos mareantes da Póvoa de Varzim existia uma figura que é a *aventesma* (*benetesma*, no calão local) que consistia num gigantesco fantasma vestido com hábito clerical, e que se postava no horizonte do mar. E era tão alto que chegava a formar um arco no céu. Ao vê-lo, os pescadores deviam atirar-lhe um tamanco; se o tamanco passasse o arco feito pela *aventesma*, isso seria bom presságio e dever-se-ia seguir o caminho.

É curioso notar que muitas vezes, ao longo da história, as pessoas de uma cultura estranha ou de civilização desconhecida eram apelidadas de *fantasmas*. Um exemplo é na China do século XVI e XVII, em que os todos os estrangeiros sem exceção levavam roda de *fantasmas* (*gui*,

em mandarim). Para os chineses do tempo, os forasteiros quase não tinham entidade física e ainda menos moral. Eram meras *abantesmas*...

---

## **Abantesma**

*por Fernando Alvim*

Ao longo dos anos, fui escutando este insulto em quatro variedades: abantesma, abentesma, avantesma e aventesma. E, para começar, devo dizer que tenho notado uma justificada predilecção do Norte do país para recorrer às formas que têm um B, ao passo que o Sul parece apreciar mais as que têm o V. Faz sentido, é coerente. Se fosse ao contrário, o país estaria, aí sim, em profunda crise de identidade e valores.

Como é natural, foi no Norte que ouvi pela primeira vez o abantesma/abentesma. Ainda era miúdo e ouvia constantemente uma senhora referir-se ao marido como «aquela abantesma/abentesma». Tenho ideia que ia alternando, conforme o estado de espírito. Era um lamento transmitido de varanda para varanda, geralmente ao fim da tarde. E, pelo contexto, percebia que o marido da senhora estaria sempre a estorvar – que é, como o senso-comum e a própria ciência têm vindo a comprovar, o que os maridos fazem na sua generalidade.

No Sul, ouvi a versão dos V, anos mais tarde. Numa fila, uma senhora, muito calmamente, disse o seguinte a um senhor: «Olhe, você é um energúmeno, mas como eu sou bem-educada vou só chamar-lhe avantesma.» Achei um gesto bonito e gostei sobretudo da linguagem corporal da senhora, que em momento algum deu a entender que estaria a disparar um insulto. O senhor também ficou ligeiramente confuso e acabou mesmo por perder aquele precioso *timing* de resposta. Já eu, bem, eu fiquei a achar que este insulto, em qualquer das suas quatro modalidades, deve invariavelmente ser proferido por uma mulher em relação a um homem. Qualquer outra dinâmica pura e simplesmente não soará bem.

---